

O regresso dos professores,
de Antônio Nóvoa
 Pinhais: Melo, 2011. n.º p. 83

Solange Martins Oliveira Magalhães

Doutora em Educação - Universidade Federal de Goiás (UFG);
 Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de
 Educação, Universidade Federal de Goiás (UFG).
 Goiânia, GO – Brasil.
solufg@hotmail.com

A ideia central do livro *O regresso dos professores*, do professor Antônio Nóvoa, refere-se à importância dos professores nas sociedades contemporâneas e pauta sua discussão em diferentes ângulos e perspectivas, mas sempre destacando que nada substitui um bom professor nos tempos atuais.

Nóvoa analisa uma gama variada de documentos que versam sobre a formação docente, identificando um acordo quanto aos grandes princípios e até quanto às medidas que são necessárias tomar para assegurar a aprendizagem docente e o desenvolvimento profissional dos professores:

[...] articulação da formação inicial, indução e formação em serviço numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida; atenção aos primeiros anos de exercício profissional e à inserção dos jovens professores nas escolas; valorização do professor reflexivo e de uma formação de professores baseada na investigação; importância das culturas colaborativas, do trabalho em equipa, do acompanhamento, da supervisão e da avaliação dos professores; etc. (p. 15).

Para ele o consenso discursivo foi-se tornando dominante definindo conceitos, práticas e políticas.

Resgatando a historicidade da formação docente, destaca que a importância do professor nunca esteve em causa, por exemplo, nos anos 70 do século passado que foi o tempo da racionalização do ensino, da pedago-

gia por objetivos, do esforço para prever, planificar, controlar; depois, nos anos 1980, vieram as grandes reformas educativas, centradas na estrutura dos sistemas escolares e, muito particularmente, na engenharia do currículo; nos anos 1990, dedicou-se uma atenção especial às organizações escolares, ao seu funcionamento, administração e gestão. Já “[...] perto do final do século XX, importantes estudos internacionais, comparados, alertaram para o problema das aprendizagens. *Learning matters*. E quando se fala de aprendizagens, fala-se, inevitavelmente, de professores [...]” (p.13). Paradoxalmente, esse percurso histórico trouxe o regresso dos professores ao centro das preocupações e das políticas.

No Capítulo 1 – “Professores: o futuro ainda demora muito tempo?”, o autor defende o regresso dos professores à ribalta educativa. Ao analisar a temática em vários documentos, identificou uma inflação retórica sobre a missão dos professores que lhes dá maior visibilidade, reforça o seu prestígio; entretanto, esse mesmo processo provocou, também, controles estatais e científicos, “[...] conduzindo assim a uma desvalorização das suas competências próprias e da sua autonomia profissional [...]” (p. 16).

Para superar essa situação, Nóvoa indica como “primeira medida” passar a formação de professores para dentro da profissão, ou seja, os professores devem assumir um lugar predominante na formação dos seus colegas – maior presença da profissão na formação; “segunda medida”, promover novos modos de organização da profissão, menos individualistas ou controlada por rígidas regulações externas, que também controlam a autonomia dos professores, conduzindo a uma diminuição das suas margens de liberdade e de independência. Como “terceira medida”, ele refere-se à necessidade de se reforçar a dimensão pessoal e a presença pública dos professores. Trata-se de construir um conhecimento pessoal (um autoconhecimento) no interior do conhecimento profissional e de captar o sentido de uma profissão que não cabe apenas numa matriz técnica ou científica. Podemos perceber um esforço conceitual decisivo para se compreender a especificidade da profissão docente.

Para Nóvoa, os lugares da formação devem reforçar a presença pública dos professores, alargar o interesse público pela educação e investir na construção de redes de trabalho coletivo que sejam o suporte de práticas de formação baseadas na partilha e no diálogo profissional.

No Capítulo 2 – “Cem anos depois: uma nova revolução?”

O autor sugere uma reflexão sobre as grandes ideias e crenças da modernidade pedagógica que foram essenciais para construir a identidade da profissão docente. Assinala quatro propostas da “Educação Nova” que marcaram a pedagogia moderna, perguntando-se sobre a sua pertinência nos dias de hoje. Nesse sentido, a análise desenvolvida busca nos ajudar a compreender, à luz das realidades contemporâneas, como estas propostas influenciaram a profissão docente, como ajudaram a desenvolver e a firmar a identidade dos professores em torno de credos pedagógicos que nasceram no ambiente da “Educação Nova”. Cem anos depois, ou seja, neste princípio do século XXI, impõe-se repensar esses credos e reconstruir os sentidos da profissão docente e do lugar que devem ocupar nas sociedades contemporâneas.

O autor revisita, também, os grandes pilares da Educação atual mostrando como as influências da “Educação Nova” e a rousseauniana empobreceram os debates pedagógicos. Um século depois, a escola não tem conseguido dar conta de todas as missões que lhe foram passadas e nem deve. A solução, segundo o autor, passa pela redefinição do espaço público da educação, “[...]trata-se de ampliar as responsabilidades educativas das famílias, das comunidades locais e das instituições sociais, de tal maneira que a escola se possa recentrar naquilo que é especificamente escolar [...]” (p. 34).

O autor alerta que nos dias atuais a escola não deve lançar-se na competição tecnológica, deve ser capaz de reintroduzir a calma e a serenidade no espaço da sala de aula. A escola deve fornecer às crianças, primordialmente, o que elas não têm na sociedade. “A sociedade mudou e o que se espera da escola é, hoje, diferente daquilo que se esperava há cem anos [...]” (p. 39). Na escola devemos valorizar atitudes e abordagens reflexivas, o diálogo, a introspecção e o estudo são costumes a recuperar, sempre num quadro de partilha e de convivialidade.

Na fala do próprio autor: “Compreender e trabalhar a diversidade, conduzindo os alunos pelos caminhos da aprendizagem, e incluindo-os socialmente através do diálogo, constituem o desafio maior da pedagogia contemporânea [...]” (p. 42). E ainda, a “[...] escola não é apenas um lugar de vida; é sobretudo um lugar de aprendizagem, é espaço de desenvolvimento pessoal, é onde se constrói o diálogo social. Pela necessidade

de aprender a viver com, a conviver, nas sociedades deste início do século XXI, “a escola continua a ser uma instituição insubstituível [...]”(p. 42).

No Capítulo 3 – “Para uma formação de professores construída dentro da profissão”, ou seja, baseada em uma combinação complexa de contributos científicos, pedagógicos e técnicos, mas que tem como âncora os próprios professores, sobretudo os mais experientes e reconhecidos. O autor sugere algumas mudanças significativas nos programas de formação de professores, advoga cinco facetas que definem o “bom professor”: conhecimento, cultura profissional, tacto pedagógico, trabalho em equipa e compromisso social. Parecem simples disposições que caracterizam o trabalho docente nas sociedades contemporâneas, mas para serem alcançadas, os candidatos a professor terão de percorrer três momentos de formação: 1.º - A graduação numa determinada disciplina científica; 2.º- O mestrado em ensino, com um forte referencial didáctico, pedagógico e profissional; 3.º - Um período probatório, de indução, de entrada na profissão.

Para o autor, a formação de professores deve assumir forte componente prático. Essa formação deve basear-se na aquisição de uma cultura profissional, concedendo aos professores mais experientes papel central na formação dos mais jovens; a formação de professores deve dedicar uma atenção especial às dimensões pessoais da profissão docente, trabalhando essa capacidade de relação e de comunicação que define o tato pedagógico; a formação de professores deve valorizar o trabalho em equipe e o exercício coletivo da profissão, reforçando a importância dos projetos educativos de escola.

Neste sentido, a formação de professores deve estar marcada por um princípio de responsabilidade social, favorecendo a comunicação pública e a participação profissional no espaço público da educação. Nas palavras do autor; “A contemporaneidade exige que tenhamos a capacidade de recontextualizar a escola no seu lugar próprio, deixando para outras instâncias actividades e responsabilidades que hoje lhe estão confiadas [...] (p. 59).

No essencial, Nóvoa defende uma formação de professores que valoriza a componente prática, a cultura profissional, as dimensões pessoais, as lógicas coletivas o que favorecerá a presença pública dos professores. São princípios que já inspiram muitos programas de formação de professores, mas ainda falta dedicar mais tempo à comunicação e à discussão de expe-

riências concretas de formação de professores existentes em instituições e universidades de referência.

No Capítulo 4 - “Professores, porquê? A pessoa, a partilha, a prudência”, Nóvoa pensa a profissão docente e a formação de professores, analisando três elementos: a “pessoa” (teoria da pessoa ou da personalidade), a “partilha” e a “prudência”. A teoria da pessoa ajudará a compreender cada um, na sua singularidade e diversidade, contribuindo para a compreensão dos professores como pessoas e como profissionais, superando o sentimento de fragmentação que vive hoje a profissão; na dimensão da partilha é fundamental numa escola que acolhe alunos tão diferentes e que necessita de professores habituados ao diálogo, à relação com o outro e ao trabalho cooperativo; e por último, a escola deve ser lugar da prudência, num duplo sentido – social e científico. No “social”, porque temos acenado, uma e outra vez, com discursos de salvação e de redenção que os fatos se encarregam de desmentir; no “científico”, porque nos deixamos embalar em “progressos” que nem sempre têm contribuído para uma vida mais digna” (p. 66).

A “prudência”, no seu sentido original de decisão virtuosa, de capacidade para agir corretamente, convida-nos a pensar o real e a agir de forma justa, decente. Liga, assim, ciência e decência por um conhecimento que não seja indiferente às suas consequências no terreno social. Isso significa trabalhar por uma pedagogia que não se limita a transformar os alunos em meros repetidores da escola. Para Nóvoa (p. 66), “Vale a pena ser ensinado tudo o que une e tudo o que liberta, tudo o que integra cada indivíduo num espaço de cultura e de sentidos [...] tudo o que torna a vida mais digna”.

Essas atitudes passam por postura política e ética que deve ser referência central do trabalho docente, para tanto é necessário dar tempo à reflexão pessoal, à consciência partilhada e à ação prudente, o “[...] trabalho educativo define-se sempre num horizonte ético, o único que nos pode conduzir a encontrar respostas para muitos dos dilemas com que nos debatemos como professores [...]” (p. 75). “A educação para todos só faz sentido se se traduzir na aprendizagem de todos [...]” (p. 76). O autor finaliza o capítulo afirmando que é necessário reforçar os professores como “conhecedores”, construindo uma ação pedagógica baseada nas suas intuições, nas suas reflexões sobre a prática e na sua capacidade de deliberar-em-ação.

Antônio Nóvoa mostra toda sua dedicação ao tema formação de professores e ação docente neste livro, dedica-o, com apreço, aos professores do Brasil. O autor nos ajuda a (re)pensar a formação docente como processo dinâmico, incerto, complexo e revitaliza a profissão na medida em que põe em relevo as dimensões da profissionalidade pautadas na compreensão do contexto social, cultural e político. Para ele a formação se constrói, também, na compreensão e interpretação dos movimentos da sociedade, que de certo modo, atingem não só o espaço formador, mas também da própria prática. Ao nos ajudar a compreender a historicidade, a contextualidade da formação de professores, Nóvoa (2011) também nos leva a compreender o tempo presente e o como ele tem sido subjetivo (e concretamente), “esvaziado”; como o excesso de discursos que versam sobre professores tem nos impedido de fortalecer nossos questionamentos, o trabalho coletivo, o que compromete a construção de um conhecimento prudente, que favoreça a constituição de sujeitos autônomos e mais conscientes.